

# As 'mini' cracolândias do Grande ABC



TECNICA. Usuário de crack há 28 anos explica que coloca a droga na palha de aço para queimar mais rápido



DEPENDÊNCIA. Efeito do crack tem duração de alguns minutos, mas droga vicia com extrema facilidade

# As 'mini' cracolândias do Grande ABC

Em diferentes municípios da região, endereços concentram usuários de drogas, acúmulo de lixo e ampliam a sensação de insegurança dos moradores e comerciantes do entorno



REIAN SOARES  
reiansoares@diarioabc.com.br  
THAINÁ LANA  
thainalana@diarioabc.com.br

"O doído para dar uma paulada", disse um dependente químico enquanto tirava um pino de crack da meia e se preparava para acender o cachimbo com a droga, um dos diversos que já havia fumado naquele dia. A cena aconteceu em plena quinta-feira, durante à tarde, na beira da linha férrea da estação Utinga, localizada entre Santo André e São Caetano. "Entreí nessa vida por curiosidade, era moleque. Hoje tenho 41 anos, 28 só no crack. Tenho vontade de voltar para casa", desabafou César, nome fictício usado por questão de segurança, assim como os de outros personagens citados nesta reportagem.

Nas sete cidades, não há locais com as mesmas dimensões da Cracolândia, um dos maiores territórios de consumo de drogas do País, localizado na Capital. Porém, é possível encontrar, em menor escala, diversos espaços ocupados por dependentes químicos e pessoas vivendo em situação de rua. Nessas áreas, além do consumo de entorpecentes em esone fictício usado por questão de segurança, assim como os de outros personagens citados nesta reportagem.

Em São Bernardo, os endereços mapeados estão em áreas comerciais e residenciais. Na Praça Brasilândia, a 420 metros do Paço, pino de cocaína e crack podem ser encontrados com facilidade pelo chão. Segundo afirmaram comerciantes do Conjunto Anchieta, usuários se aglomeram na praça durante todo o dia, com maior volume no período noturno.

Em outro ponto do município, na Vila São Pedro, os dependentes improvisaram um local quase "escondido" para poderem usar drogas. Instalado atrás de um muro, entre uma horta comunitária que

deixa toda a Rua do Oleoduto, e próximo à Emeb (Escola Municipal de Educação Básica) Irmã Odete, cerca de oito pessoas vivem e consomem drogas há pelo menos dois anos no espaço. Já na divisa entre São Bernardo e Diadema, no entorno do piscinão do Taboão, a ocupação de tendas, o acúmulo de lixo e o constante trânsito de pessoas durante todo o dia denunciam a finalidade do local: consumo aberto dos mais variados tipos de entorpecentes.

Ex-delegado e professor de direito penal e criminologia da PUC/SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), matérias nas quais é doutor, Edson Luis Boldan explica que a escolha e a permanência de dependentes químicos em determinados locais ocorrem porque as pessoas, desocializadas da realidade, formam uma subcultura e agrupam-se em torno de um problema comum, no caso, a dependência.



SÃO BERNARDO. Praça Brasilândia, a poucos metros da Prefeitura



ESTAÇÃO UTINGA. Na beirada da linha férrea, atrás de um muro



DIADEMA. Entorno do piscinão do Taboão, na Av. Almirante Senna Ramos

## Comerciantes e moradores criticam falta de segurança

A presença de dependentes químicos em locais próximos a comércio e residências na região tem levado medo e incômodo a moradores, lojistas e visitantes. Morador há 12 anos da Vila São Pedro, em São Bernardo, e que preferiu não se identificar, declara que existe entre os vizinhos sensação de insegurança por causa dos usuários de drogas que ocupam espaço entre a Emeb (Escola Municipal de Educação Básica) Irmã Odete e uma

horta comunitária na Rua do Oleoduto. Já Silas Diniz Lopes, 29, comerciante há 12 anos no Conjunto Anchieta, São Bernardo, afirma que, apesar dos usuários nunca terem fumado ou roubado itens de sua loja de eletroeletrônicos, nos últimos anos os clientes têm evitado a ida ao local. Em ligação, os consumidores pedem para que os produtos sejam separados e entregues diretamente no carro, pois, preferem não

descer do veículo. Segundo o vendedor, a concentração se intensifica a partir das 18h, principalmente na Praça Brasilândia, em frente ao Conjunto Anchieta, chegando rapidamente a um pico de 50 pessoas no espaço. Em breve descrição, o comerciante diz que o público é composto majoritariamente por jovens entre 18 e 30 anos. Lopes afirma que a cada dia novos rostos aparecem, aumentando a rotatividade do público.

Em Santo André, um dos espaços com maior concentração de dependentes químicos fica na Rua Carijós, no número 3.870. Proprietário de loja de materiais de construção há poucos metros, André Gomes, 36, relata situação parecida à de outros comerciantes. Vendedor há 30 anos no bairro, ele conta que os dependentes respitam sua loja apenas quando está presente.

"Durante o dia que estamos aqui eles não mexem, porém, os furtos de pequenas coisas ocorrem à noite, quando entram pelo telhado e tentam pegar algum produto", diz. Ele admite se incomodar com os usuários que param em frente ao seu estabelecimento, pedindo dinheiro para os clientes que saem do local. Segundo o comerciante, já houve inúmeras tentativas de retirada dos dependentes químicos pela GCM (Guarda Civil Municipal) e pela PM (Polícia Militar), mas "eles sempre vol-

tam". "É uma situação complicada, porque é também uma questão de saúde pública, e não apenas de segurança", destaca o vendedor. Sobre as ações de segurança em endereços, a Prefeitura de Santo André informa que possui um mapeamento dos pontos de drogas, e que a GCM realiza cerca de três operações por semana, além de patrulhamento de rotina. Já Diadema diz que as forças de segurança municipais fazem rondas noturnas no piscinão do Taboão. São Bernardo não respondeu à demanda.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 3